

Da histeria masculina ao "empuxo-à-mulher" da psicose. Clínica diferencial da histeria e da psicose¹.

Augustin Menard

A questão do Outro sexo se coloca para cada sujeito qualquer que seja sua estrutura. É ainda o psicótico que se adianta a nós, ao colocar a nu o enigma do qual o neurótico não quer nada saber. "O homem que não existe" nos permitiu ler em estado nascente o efeito "empuxo-à-mulher" que daí resulta para ele.

A última clínica de Lacan, centrada não mais sobre o sentido, mas sobre o saber fazer aí de cada um com seu gozo, relativiza a distinção neurose/psicose. Passa-se, então, de uma utilização particular do conceito de foraclusão incidindo sobre o simbólico, tal como o ilustra o psicótico, a uma generalização: "só há foraclusão do dizer"², coerente com o enunciado "a relação sexual não existe". É o real que é foracluído, aquele do sexo.

É preciso, entretanto, estar muito atento a esta clínica diferencial, ao risco de uma extensão abusiva do conceito de psicose ordinária para mascarar nossas incertezas, como é tão frequente no caso do diagnóstico de "borderline".

Vejamos dois casos que colocam esta questão.

O primeiro é de Noel. Ele tem 18 anos e vem me consultar "para falar do que acontece com ele". Ele sai de uma longa estadia em uma clínica psiquiátrica, onde o diagnóstico de psicose delirante foi colocado e um tratamento neuroléptico pesado foi instituído. Ele passou por um estado de agitação agudo, do tipo maníaco, seguido de fases depressivas e de diversas tentativas de suicídio. Elementos dissociativos teriam sido colocados em evidência, enfim e, sobretudo, é considerado como apresentando um

delírio erotomaniaco. Ele expressa com convicção ser amado por uma jovem que encontrou no colégio, embora ela o tenha recusado, e ele não a veja mais já há muito tempo.

Quando ele encontrou Vanessa, ela foi antipática com ele de imediato. Mas, quando viu um de seus amigos com ela, ele teve ciúmes. Ele fez tudo para chamar sua atenção, de uma maneira muito espetacular. Ele brilha intelectualmente, se singulariza por uma preocupação com roupas em que o excesso e a extravagância fazem com que seus colegas o chamem de garota. Ele a assedia com poemas, monta com seus amigos um enredo teatral que é a demonstração de seu amor, em suma, toda uma pantomima se coloca no lugar que tem por centro o objeto aparente de sua paixão. Um dia, está sozinho com ela. Ele percebe que não lhe é indiferente. Ele é tentado a convidá-la para ir a sua casa, está praticamente seguro de que ela aceitará, porém, inventa um pretexto e foge.

Desde então, inflama-se o delírio: "ela me ama e é o companheiro que a afasta de mim". Ele faz uma primeira tentativa de suicídio, se embebeda, monta uma operação de comando para matar o rival e, claro, pára no meio do caminho.

É no a posteriori deste episódio e até com certo recuo, que ele vem me falar. Seu discurso demonstra que está longe de ter a certeza do amor de Vanessa e que estamos mais sobre a vertente da esquiva histórica, que sobre aquela da erotomania. A prova me é dada assim que ele tem a possibilidade de retomar o contato com Vanessa. Ele obtém seu endereço e hesita longamente antes de lhe telefonar. Durante todo este período, a angústia está em seu máximo. Enfim, ele se decide, ela lhe responde com uma recusa definitiva. A angústia cai. Ele aceita a interpretação: "você está aliviado", demonstrando assim que aquilo que ele expressava sob a forma de delírio era da ordem do acting-out, portador de uma verdade que não se

podia dizer. Um trabalho pode se engajar, no qual o desejo homossexual pelo rival é confessado apenas parcialmente, apesar de evidente. A questão do "o que quer uma mulher" se coloca.

Com o *Seminário 3*, Lacan nos oferece uma chave para ler Freud, com a distinção que ele jamais abandonará em sua obra, mesmo se ela é relativizada e revisada, entre forclusão e recalque. Ele extrai esta distinção do texto freudiano, mas ela só faz sentido no interior da doutrina do significante e graças à introdução do significante do Nome-do-Pai. A preocupação de Lacan é, então, demonstrar a preeminência do simbólico, inclusive na psicose, e que é: "num acidente deste registro e do que nele se realiza, a saber, a forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose"³. É justamente lá que se situa "a questão preliminar a todo tratamento possível da psicose".

No caso do Presidente Schreber, Freud havia colocado em evidência, na origem do mecanismo da paranoia, a defesa contra um desejo homossexual. De fato, a psicose de Schreber se inaugura com esta fantasia angustiante: "afinal de contas deveria ser bom ser mulher e submeter-se ao ato da cópula"⁴. Ele havia mostrado como as diversas formas de paranoia se articulam gramaticalmente em torno da negação de "eu o amo, a ele", com as diversas possibilidades de fazer a negação incidir sobre o sujeito, o verbo ou o complemento. Ele tinha enfatizado a importância da regressão tópica ao estágio do narcisismo, com a fixação da libido sobre o eu, mas, sobretudo, ele tinha colocado em evidência que a formação do delírio é na realidade uma tentativa de cura, uma reconstrução. Ele não faz a distinção formal entre o recalque e a forclusão, uma vez que indica que o "recalque" consiste no fato de que a libido se destaca das pessoas. Em contrapartida, ele opera

uma distinção bem precisa entre a projeção neurótica e a projeção psicótica. Neste caso, ele determina que: "aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora"⁵. Acrescentemos que ele dá grande importância ao complexo paterno.

Aquilo conduziu alguns epígonos de Freud a reter para a psicose apenas a causalidade homossexual, mas ela opera igualmente na neurose. Para outros, é sobre o complexo paterno que o acento é colocado. Mas por falta de distinguir a instância do Nome-do-Pai da pessoa do pai, é impossível conceber como se podem considerar equivalentes a decepção observada por Schreber de suas esperanças de paternidade e seu acesso a esta função paternal que é a presidência da Suprema Corte, ou ainda o fracasso de sua candidatura ao Parlamento.

É aqui, no Seminário 3, que Lacan nos demonstra, opondo o caso de paranoia de Schreber a um caso de histeria masculina relatado por Hasler, que é com a chave da forclusão balizada em seus efeitos que se pode distinguir a neurose da psicose.

De um lado, diante do enigma da paternidade, Schreber vai se afundar em uma catástrofe crepuscular para, em um segundo tempo, construir um delírio que vai operar como metáfora delirante, substituindo, assim, a metáfora paterna que não há. Esta construção lógica lhe permitirá represar esse gozo, que Lacan qualifica então de narcísico, graças a uma identificação ideal. O que era temido como uma feminização angustiante se torna aceitável sob reserva de ser a mulher de Deus e de engendrar uma nova humanidade, o que Lacan qualifica de "solução elegante".

O que nos propõe Lacan com o caso de Hasler, como um caso de histeria traumática, é precisamente um caso que coloca em jogo uma fantasia de gravidez e de procriação, mas de um modo diferente. Os primeiros distúrbios deste condutor de trem se manifestam a partir do dia em que,

descendo de seu veículo, ele tropeça e cai por terra. Estes distúrbios em seguida se prolongam por crises que vão até verdadeiras perdas de consciência.

Em sua análise, Hasler faz a interpretação incidir sobre as tendências homossexuais do sujeito sem efeito algum.

Ora, o que Lacan coloca em evidência é que o traumatismo revelador remete a antigos traumatismos. O que foi decisivo não foi o acidente, mas os exames radiográficos que se seguiram, e ele demonstra que as crises (pelo seu sentido, seu modo, sua periodicidade, seu estilo), aparecem ligadas à fantasia de uma gravidez, que esta questão foi revelada enquanto simbólica e não reativada como imaginária. Então, a neurose se descompensou.

Na formação dos sintomas, esta última revela sob uma forma simbólica um traumatismo mais antigo ligado à visão de um parto patológico terminado por uma fetotomia. Contrariamente a Schreber, não somente suas lembranças não foram abolidas do interior para ressurgir no real, mas são organizadas no simbólico, sob forma de uma fantasia de gravidez, e são resultado da produção do sintoma no qual a queda do bonde se tornou equivalente a um "parto de si mesmo". Lacan insiste sobre o fato que para o histérico homem a questão é como para Dora, "o que é ser uma mulher?".

Para Noel, nós assistimos à tentativa de dar forma aos sintomas no simbólico. Ele tem acesso ao semblante, e a tentativa de dar forma aos sintomas importa mais do que as tendências homossexuais, de resto, certas. Dos sonhos constam, aliás, fantasias de gravidez, mas seu desejo se sustenta em sua insatisfação, e aquilo de que ele goza é desta insatisfação. Mais além da fenomenologia, os traços de feminização são aqui o testemunho de um efeito do significante no interior de uma problemática edipiana,

porém, organizada em torno de uma questão central do "o que é uma mulher?". Se a ausência de certeza já coloca em dúvida a psicose, a possibilidade de organizar assim a questão sobre o modo simbólico afirma de forma positiva a neurose e permite inscrevê-la sobre sua vertente histórica. A histeria não é apanágio das mulheres⁶ e é um efeito de estrutura, mesmo que a questão seja para o homem, como é para a mulher na histeria, "o que é uma mulher?".

Se o primeiro caso nos coloca uma questão: "a estrutura de uma neurose é essencialmente uma questão"⁷ a segunda fornece uma resposta. *Dominique, 17 anos, não veio espontaneamente, mas sob a instigação de um professor que o detém no momento em que ele está a ponto de estrangular seu companheiro. Aí não tem mulher. Ele só se liga a meninos; sempre aqueles que mais se parecem com ele. É uma grande paixão. Um dia o outro o olha de forma bizarra. Parece-lhe hostil, a angústia aumenta, ele o agride. Com certeza há sempre um terceiro que se interpõe para fazer obstáculo à passagem ao ato, mas aquilo é muito ostensivo. Ele tem a certeza de que o outro o vai agredir. Se o sujeito do primeiro caso projetava, não reconhecendo no amor que ele atribuía ao outro seu próprio amor homossexual, aqui não era dele que se origina, mas do exterior. Não se trata da mesma projeção.*

Dou somente alguns exemplos de seu discurso "eu bati num colega, eu o teria matado. Houve palavras inconvenientes, há três anos que ele me aborrece, eu o preveni, mas ele não se acalmou, se fez de arrogante e superior". Diante de minha questão "o que ele disse?", a resposta é: "Não foi o que ele me disse, mas seu tom era de desprezo".

Mas ao mesmo tempo em que ele manifesta em ato seu desejo de matar, uma agressividade é investida nos quadrinhos muito "hard" onde a tortura, a devoração e o assassinato têm livre curso. É aí que está a mulher, a

heroína principal onde se reencontra o empuxo-a-criar e o empuxo-à-mulher. É uma jovem de longos cabelos, pendurada dentro de uma bolha, os pés atados na carne, o cordão umbilical indo até a carne como uma placenta. Ele cria um mundo. "A história é de um messias que viria salvar o mundo, a heroína tem olhos negros, uma tez branca, uma calça muito suja, manchada de sangue de cima para baixo, ela tem duas facas como arpões que rasgam a carne, quando eles são puxados, algumas vezes é uma foice. Ela crescerá, destruirá seu mundo para habitar outro mundo onde ela parecerá curada, mas quando se encolerizar, ela será tomada por uma loucura destruidora. Na minha história em quadrinhos, diz ele, tudo gira em torno dela". Ao longo dos relatos que me traz, ele destaca a personagem principal que é esta jovem, na qual ele não se reconhece, mas que é seu duplo, que ele descreve como uma exceção, e que na medida em que ela não se controla, se torna má, perigosa. Aqui o empuxo-à-mulher é patente. Há dois mundos, e um se sobrepõe ao outro, a visada é sempre metafísica. O diagnóstico de psicose aqui se faz sobre a certeza expressa. Mesmo que haja uma dúvida na busca, há sempre um ponto de certeza onde seu personagem formula um "eu compreendi". Sua busca postula a possibilidade de um mundo compreensível e totalizante, ainda que dual. O mal vem dos outros, nunca dele, o mundo tem um sentido e ele é o intérprete. Ele diz deste mundo: "Eu creio nele verdadeiramente. Nas minhas crises, eu pensei na menina de minha história em quadrinhos. Eu a vi verdadeiramente como ela é, com uma criança com a qual ela fazia uma carnificina, ela despedaçava sua cabeça contra a parede. E acrescenta "sou eu que crio isto, mas são imagens reais, ideias que chegam diretamente na minha cabeça". Aqui também os temas homossexuais não faltam, mas também não são de interesse para o caso.

Em "o Aturdido"⁸, Lacan nos fornece a formulação lógica que permite diferenciar a feminização neurótica do "empuxo-à-mulher" psicótico que evoquei precedentemente, mas que o caso impõe desenvolver. Assim se demonstra que o empuxo-à-mulher e o empuxo-a-criar são a consequência desta escolha psicótica, tal qual ela se realiza na "insondável profundidade do ser".

A primeira ressalta da inscrição $\overline{\forall x} \Phi x$. Sabe-se que esta possibilidade é oferecida a todo o ser falante qualquer que seja seu sexo, colocando-o à distância do semblante, sem, no entanto, excluí-lo da outra possibilidade que, esta, decorre da lógica do todo, ou seja: $\forall x \Phi x$. É a escolha de Noel cujos efeitos se inscrevem na pantomima própria à estrutura histórica. Sua relação à função fálica o autoriza a se fazer de louca e assim a colocar em xeque o saber do mestre, aqui o psiquiatra. É para este último que o gozo assim manifestado é insuportável, porque ele perturba a ordem tal como ele a entende. O diagnóstico de psicose o autoriza, no lugar de mestre, a uma repressão por intermédio do medicamento (um medicamento para calar) e fazer reinar de novo a ordem, a do desconhecimento. É muito frequentemente por este viés, que a histeria no homem não é reconhecida, com as consequências graves que isso pode ter.

Mas, inscrever-se em uma outra fórmula, do lado mulher, a saber: $\overline{\exists x} \overline{\Phi x}$... tem todo um outro efeito, precisamente aquele que é precisamente do empuxo-à-mulher e da "disjunção sem remédio do gozo e do o semblante". Lá onde Noel podia manifestar sua feminilidade no semblante mantendo-se à distância, Dominique, psicótico, está radicalmente fora do semblante e todo seu esforço será tentar trazer o gozo ao semblante. É o que analisa muito bem Carmem Gallano em seu artigo "Mulier horroris causa"⁹ formulando: "o gozo no real do louco e o gozo louco do lado

mulher só tem em comum o fato de não se normalizarem no semblante fálico. Eles divergem no que, na psicose, não se trata de um gozo esquivo ao falo, mas de um gozo que não pode se velar do Outro, por não poder entrar no falo”.

Dizer: $\overline{\exists x \ \overline{\Phi}x}$..., é dizer que não há limite à função fálica, isto que se inscreve na função de exceção, a saber: $\overline{\exists x \ \overline{\Phi}x}$. Mas como observa Lacan em R.S.I.¹⁰: “é preciso que não importe quem possa fazer exceção para que a função de exceção se torne modelo, mas a recíproca não é verdadeira - não é preciso que a exceção se desenvolva em não importa quem para, a partir deste fato, constituir modelo. É este estado comum - não importa quem alcança a função de exceção que o pai tem, sabe-se com que resultado, aquele da *Verwerfung*, na maioria dos casos pela filiação que ele engendra, com o resultado psicótico que eu denunciei”. Dominique coloca em cena a mulher excepcional de sua história em quadrinhos. Mulher excepcional nos seus ditos na tentativa de fazer existir a mulher. Ela não pode suprir a função paterna. Pelo fato desta disjunção radical ente gozo e semblante, o psicótico se reduz a se fazer objeto do gozo do Outro. Dominique ainda não chegou lá, ele se encontra na angústia da irrupção do gozo no real, com o qual ele é tomado sem ter encontrado um apoio suficiente em suas produções criativas para fazer uma barreira ao gozo. Na particularidade deste caso, o empuxo-a-criar e o empuxo-à-mulher parecem convergir. Sua dissociação em proveito de uma criação será talvez a solução menos ruínosa quanto à economia do gozo.

Manifesta-se aqui o retorno da exceção que foi negada no que concerne ao pai. Enquanto tal ela vem nomear o gozo próprio. É importante dar o lugar estrutural deste “empuxo à exceção” como modalidade e criação singular em uma função de amarração¹¹.

Isto nos incita a reabilitar a histeria masculina. Certamente, aprecia-se falar sobre o caráter proteiforme da

histeria, mas continua-se a tomar por psicóticos histéricos autênticos, com todas as consequências dramáticas que isto acarreta. Um segundo ensinamento nos é fornecido aqui: a questão de Noel: "o que é uma mulher?" é aparentada à resposta de Dominique. As fórmulas da sexuação do lado mulher nos permitem dar conta e, retroativamente, esclarecer a clínica diferencial entre neurose e psicose, a feminização neurótica do empuxo-à-mulher psicótico. A condução do tratamento é evidentemente diferente para Noel, cuja demanda não é sem relação com um apelo à mediação paterna e Dominique cuja busca é o apoio, uma testemunha em sua busca de uma limitação ao seu gozo.

Tradução: Ana Martha Wilson Maia e
Elsa Lydia Machado Santos Neves
Revisão: Angélica Bastos

¹ Traduzido para o português, com a amável autorização do autor, a partir da versão original publicada em MÉNARD, A. (2012) *Voyage au pays des psychoses - Ce que nous enseignent les psychotiques et leurs inventions*. Paris: Champ Social Éditions.

¹ LACAN, J. (2012[1971-1972]). *O seminário, livro 19:... ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 22.

² IDEM. (1998[1957-1958]). "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 582.

⁴ FREUD, (1976[1911]). "Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides)". In: *Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 61.

⁵ IDEM. *Ibid.*, p. 95.

³ LACAN, J. (2008[1968-1969]). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 271. "Não é que a histérica seja obrigatoriamente uma mulher.

⁴ IDEM. (1985[1955-1956]). *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 199.

⁵ IDEM. (2003[1973]). "O aturdido". In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 46.

⁶ GALLANO, C. ([1992]). "Mulier Horroris Causa". In: *La lettre mensuelle*, nº 110. Paris: ECF.

⁷ LACAN, J. (mai. 1975[1974-1975]). "R.S.I". In: *Ornicar?*, nº 3. Paris: Ed. du Seuil, p. 107.

⁸ BROUSSE, M.-H. (2002). "La pousse-à-la-femme est-il un universel dans les psychoses?". In: *Quarto*, nº 77. Paris: ECF, p. 84-91.